

ESTRATÉGIAS DE SOBREVIVÊNCIA: FAMÍLIAS DE IMIGRANTES
ITALIANOS EM NOVA VENEZA

*SURVIVAL STRATEGIES: ITALIAN IMMIGRANTS' FAMILIES IN NOVA
VENEZA*

*ESTRATÉGIAS DE SUPERVIVENCIA: LAS FAMÍLIAS DE
INMIGRANTES ITALIANOS EN NOVA VENEZA*

Wilma Melhorim de Amorim

Mestre em Histórias das Sociedades Agrárias, Departamento de História, Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil.
E-mail: wilmamelhorim@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo conhecer parte da dinâmica que envolveu a imigração italiana para o Estado de Goiás. Esse processo faz parte de um movimento de desterritorialização que teve seu início na Itália do século XIX culminando com uma nova territorialização em uma região hoje conhecida como Mato Grosso de Goiás, local onde se estabeleceram e fundaram a cidade de Nova Veneza. Assim, analisaremos a forma pela qual se deu a inserção dos imigrantes italianos no local. Para tanto usaremos, amplamente, o recurso das fontes orais tendo a memória como o fio condutor de todo o processo. O enfoque se dará no âmbito da geografia cultural levando em consideração as lembranças que os pioneiros e seus descendentes relatam como testemunhos de vida e as representações que fazem de suas histórias. Neste estudo buscamos resgatar dados da cultura italiana, veiculada através de relatos de memórias. Priorizando, no entanto, uma família em especial, a do senhor Julho Eloy, constituindo assim, um estudo de caso.

Palavras-chave: Geografia cultural, imigração italiana, Nova Veneza.

Abstract

This paper aims to meet part of the dynamics surrounding the Italian immigration to the region of state of Goiás. This process is part of a movement of desterritorialization that had its start in Italy of the nineteenth century culminating with a new territory in a region known today as Mato Grosso de Goias, where they settled and founded the city

of Nova Veneza. Thus, we intend to examine the way in which the integration of Italian immigrants in Nova Veneza occurred. For that, we used, broadly, the use of oral sources with the memory as the leitmotif of the whole process. The focus has been under the cultural geography taking into account the memories that the pioneers and their descendants report as evidence of life and the representations that their make of yours stories. In this study we sought rescue data from Italian culture, conveyed through reports of memories. We emphasized, however, one family in particular, that of Mr. Julho Eloy, making thus, a case study.

Key-Words: cultural geography, Italian immigration, Nova Veneza.

Resumen

El presente documento tiene como objetivo saber parte de la dinámica en torno a la inmigración italiana a la región al Centro-Oeste Goiano. Este proceso es parte de un movimiento de desterritorialización que tuvo su comienzo en la Italia del siglo XIX que culminó con un nuevo territorio en una región conocida hoy como Mato Grosso de Goiás, donde se establecieron y fundaron la ciudad de Nova Veneza. Por lo tanto, tenemos la intención de examinar el modo en que se dio la integración de los inmigrantes italianos en Nova Veneza. Para este, utilizamos ampliamente, el uso de fuentes orales con la memoria como el leitmotiv de todo el proceso. Se ha centrado la atención en virtud de la geografía cultural, teniendo en cuenta los recuerdos que los pioneros y sus descendientes informe como prueba de vida y las representaciones que hacen de sus historias. En este estudio se buscó rescatar datos de la cultura italiana, transmitida a través de informes de recuerdos. Priorizaremos, sin embargo, una sola familia en particular, que el señor Júlio Eloy, por lo tanto, un estudio de caso.

Palabras-Clave: geografía cultural, la inmigración italiana, Nova Veneza.

Introdução

Pretende-se aqui analisar, sob o prisma da geografia cultural, as estratégias de sobrevivência das famílias italianas que, por volta de 1912, vieram para a região onde hoje se localiza a cidade de Nova Veneza. Para tanto faremos uso dos relatos de lembranças, já que as mesmas desvendam um mundo repleto de significados. Assim, pretendemos considerar a memória e o simbólico como forma de abordagem para a apreensão de um jeito de ser e viver de uma comunidade específica: a dos imigrantes italianos.

A Geografia cultural, corrente geográfica que teria alcançado maior destaque na década de 80, é descrita por Claval (1997, p.89) como estando associada a “experiência que o homem tem da terra, da natureza e do ambiente, estuda a maneira pela qual eles a modelam para responder às suas necessidades, seus gostos e suas aspirações e procura compreender como eles aprendem a se definir, a construir sua identidade”.

No Brasil, como afirma Correia (2007) a Geografia cultural é hoje tratada como um sub-campo plenamente estabelecido. A mesma ganha existência a partir de 1993, com a criação do NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisa Sobre Espaço e Cultura).

Para o tipo de abordagem por nós proposta, é interessante resgatar também o conceito de cultura apresentada por Bonnemaison & Orston (2002) que afirmam que a cultura hoje deve ser compreendida como uma outra vertente do real, um sistema de representação simbólica existente em si mesma. Enfim, uma visão de mundo.

É entendendo a importância que teve a cidade de Nova Veneza e seus habitantes na formação do Estado de Goiás que procuramos resgatar dados de sua fundação assim como a história de vida de seus moradores.

A história da humanidade é feita de uma longa sucessão de migrações: movimentos populacionais que no decorrer do tempo, sob as mais diferentes formas e impulsionados pelos mais variados motivos levaram populações inteiras ou parciais a se movimentarem em busca de abrigo, proteção, meios de sobrevivência ou mesmo realizações de seus sonhos.

“Um fenômeno mundial na era moderna foi o grande êxodo da Europa período em que a migração anual média ultramarina atingiu 377 mil indivíduos por ano, entre 1846- 1890; cerca de 910 mil entre 1891-1920; e aproximadamente, 366 mil de 1921- 1929. Mais de 50 milhões de europeus migrou-se para a América do Norte”. Damiani (1997, p.40).

Com relação ao Brasil, Saquet (2003) nos traz notícias de que chegaram por aqui entre 1835 e 1855 aproximadamente 372.364 imigrantes, sendo 10.418 italianos.

Geralmente os grandes fluxos migratórios humanos têm origem em graves problemas naturais, sociais, econômicos ou políticos. No caso específico da emigração italiana para o Brasil se deveu, em grande parte, pelo aumento populacional, miséria causada pelo desemprego e expulsão do homem do campo diretamente ligado ao processo de expansão do capitalismo mundial e as transformações políticas, econômicas

e sociais em seu país de origem. O fato é que esses impulsos migratórios para o Brasil, na maioria das vezes, envolveram uma população expropriada e empobrecida.

Pierre George em sua *Geografia da População* (1986) classifica as migrações como sendo de três tipos, a saber: o primeiro-As Transferências de População Episódicas; trata-se das transferências impostas por decisões políticas. O segundo-Migrações Econômicas Temporárias; abrange as deslocamentos de menor ou maior duração, ligadas a uma complementaridade na oferta de força de trabalho e de necessidade de mão de obra. Já no terceiro caso-As Grandes Migrações Definitivas: apresentam como um prolongamento das grandes migrações do povoamento do século XIX e do início do século XX: migrações internacionais e intercontinentais que se podem, a priori, serem qualificadas de definitivas. Nesse terceiro caso o caráter definitivo das imigrações, quando não ligados ao êxito e satisfação conseguida no lugar que escolhera para se viver, poderá ser determinado pelas condições precárias em que se derá sua transferência. A exemplo disso temos o alto custo da viagem paga por terceiros que certamente inviabilizará a volta dessas pessoas à região de origem, pois sempre lhes faltará recursos financeiros para tanto.

Embora quando analisamos a emigração italiana para o Brasil sejamos levados a enquadrá-las no tipo de movimento caracterizado por Pierre George como, Grandes Migrações Definitivas, reconhecemos que esses fluxos são muito complexos para serem abrigados em uma classificação redutora. Na verdade esses eventos não são nada simples envolvendo, na maioria das vezes, não só necessidades de sobrevivência, mas também, desejos de conquistas e esperanças de futuro melhor.

Considerando que a geografia cultural pode ser vista como as experiências que o Homem tem do mundo, procuraremos amparar este estudo no modo de vida das pessoas: aquilo que elas percebem, sentem e relatam sobre suas histórias de vida. Para tanto, além do trabalho com fontes orais e documentais, fundamentaremos nosso estudo em importantes publicações de autores que trabalham com essa temática. É por esse viés que pretendemos abordar um assunto específico, que é o cotidiano dos imigrantes italianos em Nova Veneza, para tanto, priorizaremos o trabalho com fontes orais onde as entrevistas envolvendo os descendentes dos imigrantes será o fio condutor de todo o processo.

Embora toda a comunidade de imigrantes italianos seja foco de nosso interesse, nos deteremos mais demoradamente em uma família em especial, a do senhor Julho Eloy, conhecido na comunidade local como “O Italiano”.

A imigração no Contexto Brasileiro

Com o início do processo de abolição da escravatura no Brasil e a conseqüente precariedade da mão de obra para o cultivo dos cafezais, os cafeicultores, e também os governos, empenharam-se na vinda para o Brasil de trabalhadores livres europeus com destaque para os italianos.

Segundo Martins (1990, p.14) “O primeiro grande grupo de italianos chegou a São Paulo em 1877, num total de 2 000 imigrantes, e cresceu progressivamente, chegando em 1888 a um contingente de 80 794 pessoas”. Estava assim introduzida a mão de obra livre no país. Os imigrantes, ao aqui chegarem, eram encaminhados à Hospedaria dos Imigrantes passando pela agência de Colocação e contratados pelos fazendeiros sendo encaminhados para as fazendas no interior de vários estados da federação entre os quais se destacavam os estados de: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, dentre outros.

Alimentados pela esperança de dias melhores e incentivados pela ampla propaganda favorável ao Brasil, chegavam embalados pela ilusão de que com suas famílias, através do trabalho duro, poderiam, em alguns anos, comprarem suas próprias terras. Esse foi o sonho de muitos realizado por poucos. Em alguns casos o imigrante conseguiu seu intento forçando a situação: obrigando os grandes proprietários, para obter mão de obra para suas lavouras, a se comprometerem em criarem condições para que tivessem, com o decorrer do tempo, acesso a um pedaço de chão para plantar.

Essas pessoas, quando não portadoras de posses que possibilitasse os custos da viagem, recorreram à migração subsidiada. Opção viabilizada pelo governo brasileiro que já vinha de uma história de incentivo às migrações destinadas ao povoamento com a intenção de ocupar, povoar e cultivar regiões estratégicas, principalmente no sul do país. Com o agravamento do problema ligado a falta de mão de obra o governo, e também a iniciativa privada, passaram a subsidiar essas imigrações, também, para o trabalho nas lavouras de café.

De início, o regime de trabalho do italiano no Brasil foi o sistema de colonato, após tentativa sem sucesso de alguns fazendeiros de implantarem o regime de parceria. Esse modelo, organizado em base de trabalho familiar, tinha como principal característica a idéia de que os colonos se encarregariam de certo número de cafeeiros recebendo a metade do lucro líquido. Tal sistema se materializou tendo como tônica uma disciplina rígida e um grau extremo de exploração do trabalhador. Com o tempo novas formas de trabalhos foram surgindo sem, no entanto perder o caráter extremamente explorador e expropriador da mão de obra.

Foi por esse processo que passaram grande parte dos imigrantes italianos que mais tarde vieram para o Estado de Goiás onde fundaram o município de Nova Veneza.

Povoamento da região onde hoje se localiza Nova Veneza-GO

Dados por nós colhidos através documentos e entrevistas nos dão as seguintes informações:

A cidade teve seu início em uma área pertencente ao município de Anápolis. Em 1895 teria chegado à região, do então município, o primeiro imigrante oriundo de Minas Gerais Antônio da Silva Loures que requereu uma propriedade rural através de escritura pública. Anos depois, novas famílias (vindas principalmente do Triângulo Mineiro) foram chegando e somando às já existentes. Esse foi o caso de Manoel Antônio Gomes, Manoel Antonio de Souza, Pedro Camilo, Teotônio Alves da Silva e outros mais. Alguns se estabeleceram como fazendeiros, outros como meeiros, posseiros ou mesmo agregados. Quase todos já vieram com a clara intenção de plantarem café. Esses dados são elucidativos no sentido de que, embora os fundadores da cidade tenha sido os italianos, não foram estes os primeiros a se estabelecerem no local.

Esses pioneiros, por sua vez, ao aqui chegarem se depararam com outra categoria de moradores por eles denominados de “nativos”: sertanejos que aqui moravam levando uma vida simples, sobrevivendo do que retiravam da natureza e de algumas pequenas atividades agrícolas”. Estavam, assim, em condição de extrema pobreza, sem nenhuma ambição ou disposição para mudar tal situação; situação essa tão diferente da laboriosidade do imigrante. Ao imaginar tal quadro fica-nos mais fácil

entender o olhar de estranhamento e a impressão pouco lisonjeira que tiveram alguns viajantes estrangeiros que por aqui passaram no século XIX. Esse teria sido o caso, por exemplo, de Auguste de Saint-Hilaire (1975) que via nos moradores da região uma situação de extrema apatia, preguiça, e falta de engenho criativo. Essa visão depreciativa está presente na obra de muitos autores que viajaram por nossos sertões.

Trajatória dos imigrantes italianos

Bertazzo (1992), em estudo sobre a fundação de Nova Veneza, faz um resgate histórico da saga dos imigrantes italianos que para aqui vieram. Essa trajetória teve início no nordeste da Itália por volta da segunda metade do século XIX. Essas pessoas deixaram sua terra natal enfrentando o mar sem fim deixando para traz um país que pouco ou nada tinha a lhes oferecer. Vinham eles em busca de vida melhor ou como diziam: “fazer a América”.

Após sua chegada ao Brasil passaram algum tempo no estado de Minas Gerais, local onde trabalharam nas lavouras de café, período este caracterizado por eles como um tempo de extrema exploração, humilhações, privações e sofrimento; mas que lhes possibilitaram a realização de um velho sonho: acumular algum dinheiro para que pudessem compra um pedaço de chão para morar e trabalhar.

Somente por volta de 1912, estes italianos saíram em buscas de novas terras, seguindo então rumo à região onde hoje se situa a cidade de Nova Veneza, no Mato Grosso Goiano. Ao chegarem, se depararam com uma natureza prodigiosa caracterizada por planícies, morros, vales e uma vegetação de beleza sem igual. Com uma formação natural com características de floresta estacional, em forma de enclave no cerrado, o que se via eram matas verdes cobrindo vales e morros. Fazia parte do costume local nomear suas localidades com nomes correspondentes aos aspectos geográficos da região. Assim era comum ouvir de seus habitantes: “morava no Jerivá”, “eu nasci no Bálamo”, “fica lá pros lado do Sapé”, “morava na Gameleira”, “ali no Varjão”, “tinha roça lá pros lados do Cedro”. Tudo nos remete à idéia de sertão, de lugares onde a referência maior é a natureza. Essa idéia também é forte em alguns relatos, como o de Adaíra M. dos Santos, (neta de Júlio Eloy) patriarca de uma das famílias que chegaram ao local:

Quando nós morávamos na serra e o pai ia plantar o milho ele sempre falava no final do plantio: agora que já plantamos o nosso vamos plantar o dos macacos. E então tínhamos que plantar a parte do terreno destinada à roça dos macacos. Quando o milho chegava ao ponto de colheita os macacos tomavam conta da sua roça: se juntavam e faziam a maior festa. Era tanto barulho, comiam e brigavam entre si na maior algazarra, mas não mexiam na nossa lavoura.

Estes italianos se empenharam em um movimento contínuo, ao qual Saquet (2007) e Costa (2007) denominariam de: desterritorialização, reterritorialização e novas territorialidades. Podemos assim, afirmar que esse grupo específico de pessoas passaram pelo processo de desterritorialização quando deixam a Itália se reterritorializaram no Brasil, mais precisamente em São Paulo (Santos) partindo depois para as lavouras de café de Minas-Gerais, de onde, mais uma vez, se desterritorializaram para novamente estabelecerem novas territorialidades na região do Mato Grosso de Goiás.

Fizeram parte desta migração, várias famílias de imigrantes italianos encabeçados pelas famílias Stival e Faquim. Essas pessoas traziam em suas bagagens as economias de toda uma vida de trabalho duro, algumas poucas roupas, muita esperança e lembranças de terras longínquas. Porém, vale ressaltar, que esta vinda dos italianos não teria se dado de forma abrupta, mas sim de forma pensada, planejada. O filho de uma das famílias teria vindo anteriormente, sondado o local, comprado terras, iniciado a construção da moradia, plantando roça e em seguida voltado à Minas Gerais para buscar os seus.

Ao todo eram 7 famílias formadas por parentes e amigos conterrâneos. A moradia era única com 17 cômodos que deveria acolher todas elas. De início essa construção e suas adjacências abrigaram a todos assumindo assim o caráter de território em pequena escala, coerente com as idéias de Bonnemaïson (2002), de que o território é primeiramente uma forma de viver com os outros; em inúmeros casos seus limites geográficos são os das relações cotidianas. Em um contexto como este, a necessidade do bem conviver era imensa. Tal situação exigia a colaboração de todos que passaram a compartilhar do mesmo espaço, conjugando os saberes do além mar com os costumes da nova terra. Nesse ambiente onde a espacialidade do habitar era comum, o cotidiano passou a ser um exercício de superação. Foi assim que os italianos lançaram suas raízes no sertão, ainda bravio, da região do Mato Grosso Goiano.

As famílias permaneceram residindo na mesma casa até o momento em que a situação apresentasse sinais de melhora. Em melhor situação financeira, com os novos nascimentos e conseqüente aumento do núcleo familiar fez-se necessário a separação das terras e construção de novas moradias. A fazenda foi dividida entre todos os familiares e logo o lugar ficou conhecido como “Colônia dos Italianos”. A colônia passou a receber um número maior de famílias entre elas os Costantinos, os Peixotos e os Boscos. Vieram também a família Eloy e outras mais. Segundo depoimentos de descendentes desses bandeirantes modernos, ao aqui chegarem já se depararam com algumas pessoas, também oriundas de Minas Gerais, (não italianos) que anteriormente vieram para essas paragens, adquiriram terras e se estabeleceram.

A cidade de Nova Veneza foi fundada em 1924 tendo sua origem na antiga colônia dos Italianos. O local escolhido para sua construção pertenceu a antiga fazenda “Barra da Cachoeira” que tivera parte de suas terras desmembradas para essa finalidade. A cidade se localiza na região do Mato Grosso de Goiás, na Bacia do Rio Paranaíba, tendo como rios principais: Ribeirão dos Gonçalves e Ribeirão da Cachoeira. Fica a aproximadamente 35 Km da capital do Estado (Goiânia) e possui uma área de 128 Km², apresentando como limites a cidades de: Nerópolis (leste), Brasabranes (Sudoeste), Damolândia (norte) e Ouro Verde (norte). Nova Veneza tem hoje as principais características dos demais pequenos municípios do Estado: cidade planejada, economia de base rural (horti-fruti e granjeiro), industrialização incipiente, saúde, educação básica, pequeno comércio, dependência de centros maiores.

O modo de vida das populações locais era rurícola, o que para Almeida (2003) é determinado pelo cotidiano e pelas práticas culturais, pela percepção da natureza e pela condição de morador do sertão. Em nosso caso específico, os moradores de início, eram plantadores de produtos de subsistência, mas com o tempo evoluiu para o cultivo comercial, tendo, principalmente, o café como carro chefe. E desta forma, o homem ia vivendo e sobrevivendo numa completa relação homem- natureza.

Teve uma época que fomos morar no grotão. Meu pai fez uma casa de pau-a-pique e fomos morar lá, pra todo lado que se olhava só se via mato, às vezes dava medo. Lá tinha muitos bichos: pacas, onças, tatu, capivara, cobras então eram tantas que não dava nem pra contar. Os pássaros que apareciam por lá eram tão lindos que dava gosto de ver, vez em quando passava lá um veado grande tranqüilo, era manso mas

não deixava ninguém chegar perto. Maria M. Stival, (neta de imigrante italiano).

A vastidão o vazio Humano, a natureza bravia assustava, mas não diminuía o ânimo e a disposição desses homens e mulheres. Os imigrantes trouxeram em sua bagagem, uma história de luta e pobreza, mas também muita disposição para o trabalho e vontade de vencer. A grande maioria se dedicou a construir seu futuro, e para isso trabalharam com afinco. Para muitos, a distante Itália era apenas uma recordação nem sempre feliz, pois trouxera na lembrança um tempo de sofrimento e privações. Mas ao falarmos em desterritorialização, no âmbito da geografia cultural, sabemos que ao migrar as pessoas não se despem de seu passado já que carregam consigo sua identidade.

Assim o ato de recordar e sentir as espacialidades não são iguais para todos, parte desses imigrantes, quase sempre os mais velhos, sofriam com saudades da terra natal. Os mais novos se adaptaram bem à nova vida, mas alguns idosos falavam de sua antiga aldeia com um misto de saudade e impotência.

A cabeça, o sentimento, o coração sempre ficara na Itália, presos à terra que sempre tinha sido a paisagem de toda a vida, na grande planície onde nasceram e vivera. O Brasil, o mato, a nova paisagem não entravam no coração. Já idoso, e tendo perdido a lucidez, o velho Santo Stival num repente punha-se de pé começava a dar uns passos em direção à porta, falando decidido: “vago in Itália; ciapo sta strada e vago in Itália” Bertazzo (1992, P.67).

Para alguns idosos, apesar das vicissitudes que os fizeram migrarem, deixar o seu torrão natal fora muito sofrido. Para eles o recordar era um exercício possível e o relembrar um meio de suportar as saudades que lhes oprimia o peito. Tal como uma árvore adulta que ao ser transplantada do seu lugar de origem resente, perde o viço, definha e morre assim aconteceu com alguns velhos Italianos, que no final da vida se imaginavam pegando a estrada e num exercício imaginário se viam, como num passe de mágica, voltando à pátria querida.

Mas relembrar a velha Itália com saudosismo nem sempre fora característica de todos os velhos que um dia deixaram a pátria mãe. Um exemplo disso era o velho Eloy, e sobre a história de vida desse senhor, Genira Eloy (sua filha) assim comentava:

Meu pai veio da Itália, mais exatamente da província de Vicenza na região do Vêneto. Quando criança ele sofreu muito, saiu da Itália ainda mocinho, quando bambino foi deixado dentro de um cesto a beira do rio e a família que o encontrou ficou com ele até a idade de 15 anos. Foi com essa idade que ele entrou em um navio, como clandestino, e veio para o Brasil. Falava pouco da Itália, se habituou logo no Brasil.

A história de vida deste senhor, não parece ter favorecido o apego a sua pátria. Ao contrário, a nova terra teria lhe propiciado uma vida de muito trabalho, mas também afeto, estabilidade gerando um grande apego à região que se tornara seu novo lar.

Como na visão de Cruz (1999), que ao analisar o território segundo o tamanho coloca que a apropriação de uma pequena extensão física reatualizada permanentemente conformaria um território de intimidade, é assim que vemos a casa do velho Eloy: como um ambiente de intimidade, afeto e, sobretudo conforto.

Quando este italiano aqui chegou, anos após a vinda dos primeiros imigrantes, não tinha posses. Sua família, bastante numerosa, era composta de doze filhos sendo oito mulheres e quatro homens. Tendo ficado viúvo ainda em Minas Gerais, assumiu sozinho a criação dos filhos. Aqui chegando, veio morar em um desses casarões antigos pertencente a um fazendeiro para o qual trabalhava. Suas netas assim descrevem o local: “a casa do nono era grande, toda de assoalho, com um porão embaixo, tinha sete cômodos com nove janelas e uma cozinha enorme”.

A cozinha era o loco de trabalho da mulher que revezava entre as lides caseiras e o trabalho na roça. Mas era também ambiente de reunião familiar.

As relações que as pessoas estabelecem com sua moradia è também uma forma de dar sentido às suas vidas e significados aos lugares onde passa parte importante de seu tempo. Essa idéia é coerente com o que Tuan (1983) chama de lugar, ou seja, um mundo de significado organizado. que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Ou ainda com que diz Carlos (1996) lugar é o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. Em um contexto de isolamento onde as relações de vizinhança são frouxas, em virtude da própria distância espacial, o seio familiar pode ser também um receptáculo do afeto, lócus de privacidade, abrigo, aconchego e proteção. Em um ambiente assim nos torna clara a idéia de lugar.

A vida cotidiana no local, priorizava a alimentação, e essa era farta e de boa qualidade. Embora os sabores e os odores dos alimentos consumidos durante a infância estivessem associados à imagem da terra natal, das famílias e das tradições que as representam, como diz Claval (1997), nesse caso específico os gostos e sabores antigos vindos da pátria distante se juntaram aos locais, diversificando e enriquecendo a culinária.

O contato com a natureza se dava de forma muito próxima, como era o caso da horta, o pomar, as criações e a bica d'água. Era um lugar extremamente generoso que propiciava aos moradores uma mesa farta e vida prazerosa. As filhas e netas desse chefe de família assim descrevem seu cotidiano: De manhã não faltava o leite que era tomado puro ou com polenta, esta última estava presente em todas as refeições do dia. A sobra da polenta do desjejum ia para chapa do fogão a lenha e consumida nas outras refeições do dia acompanhada de almeirão, queijo, couve, ovo, ou torresmo; No almoço não faltava a carne que era, muitas vezes, cozida e conservada em latas com gordura. Também os pés, as orelhas e a pele pururucada do porco eram defumados e servia para cozinhar no feijão. Algumas partes do porco, tidas como nobres, como no caso da papada, era temperada, colocada em um saco branco e dependurada na dispensa ficando ali por vários meses adquirindo um sabor e cheiro característico muito agradável. Outro hábito para se conservar a carne consistia em salgá-la conservando-a ao sol por algum tempo e em seguida guardando-a em um caixotão de madeira sendo consumida nos meses subseqüentes. No jantar não podia faltar uma massa que era consumida com caldo de feijão ou de galinha. O macarrão, no caso, era fabricado em casa usando farinha de trigo, ovos e água: Fazia-se uma massa que após ser aberta com um rolo era cortada em um cilindro adquirindo sua forma e um sabor especial. Outra iguaria muito apreciada possuía o nome de "sicole" e era um tipo rústico de mortadela, recheada e pendurada na fumaça para curtir, processo feito, também com as lingüiças e algumas carnes pré-selecionadas. Entre as quitandas, além dos bolos de fubá, pães e roscas, havia uma boa variedade de bolachas, petas, quebradores, brevidades, além de outras variedades de guloseimas.

Os doces mais consumidos eram os feitos com o leite, queijo ou frutas. No caso das frutas, que eram muitas e variadas, o destaque era para os doces de bananas ou

goiabas feitos em grandes quantidades, embalados em caixotes e consumidos o ano todo.

Os doentes e as mulheres de resguardo recebiam refeições diferenciadas, o prato mais comum era a “Galinha lessa” que consistia em uma galinha bem gorda dividida ao meio e cozida em água com uma boa variedade de temperos sendo, a seguir, servida com arroz ou farinha de milho constituindo em um prato diferente, saboroso muito apreciado mesmo por aqueles que não se encontrava nas condições citadas.

Esses dados nos dão uma idéia de quão farta era a mesa desses moradores e de como a mudança para a região teria sido profícua.

Quanto ao dinheiro esse quase não circulava a maioria das pessoas os colocava a juro nas mãos de cerealistas, além de que boa parte das transações era feita a base da trocas. O fubá é um bom exemplo disso o mesmo era levado ao moinho para ser moído e com parte do produto pagava-se o trabalho da moagem.

Também a aguardente era fabricada localmente como nos mostra o seguinte depoimento:

Meu nono tinha um garrafão com a qual ia sempre ao engenho e lá mesmo tomava os primeiros goles, não passava sem uma pinguinha, também não chegava a cair, mas vinha pela estrada cambaleando, com uma neta atrás trazendo a garrafa de pinga em um embornal. Vinho também não faltava, mas bebia-se menos, por ser mais caro, era usado, na maioria das vezes nos finais de semana e dia santos ou então para agradecer as visitas, Ziza e Adaira (netas do velho Eloy).

As festas aconteciam com freqüência e grande parte delas tinha caráter religioso: festas da padroeira (Nossa Senhora do Carmo); batizados; primeira comunhão; Festas juninas com rezas do terço, comidas típicas, fogueira e levantamento do mastro. Tudo como manda a tradição. Havia também os casamentos e aniversários, sempre muito festejados. Os jogos apareciam nas mais diversas ocasiões de lazer e podiam ir desde um simples carteadado, aos jogos de bocha e futebol.

Um belo costume que denotava um sentimento de afeto e companheirismo se dava no dia primeiro de janeiro quando os homens, nos seus cavalos enfeitados com flores, iam visitar os amigos; chegando à casa, soltava-se fogos, cantavam e faziam a primeira letra do nome do dono da casa com a formação dos cavalos (GONÇALVES, 1992, p.16).

Mas nesses tipos de eventos o que mais nos chamou atenção foi o mutirão: Chamado localmente de “Treição” (para nós um tipo de trabalho coletivo não remunerado) esta atividade, que de forma geral acontece em quase todo o país, possui especificidades que a distingue de um lugar para outro. Santos (2003) em seu artigo sobre o cerrado mineiro, fala do mutirão como sendo uma instituição complexa e deixando perceber uma situação de necessidades habituais, compromisso e reciprocidade entre seus participantes. Nos mutirões (treição), praticados em Nova Veneza, mesmo tendo um caráter de ajuda mútua, se destacava dos demais pelo seu aspecto festivo. É relatado, pelos moradores locais, como momentos de extrema descontração envolvendo serenatas, cantorias, piadas e todo tipo de brincadeiras sendo estas últimas nem sempre de bom gosto. Esses eventos eram sempre regados a muita comida e bebida, que eram oferecidas pelos amigos e vizinhos, participantes do evento. Tal prática era coroada com um baile que se estendia noite adentro sem, no entanto, afetar a disposição para o trabalho no dia seguinte.

Folguedo, também, bastante pitoresco acontecia no “Sábado de Aleluia” quando os cristãos homenageiam a subida aos céus de nosso senhor Jesus Cristo. A noite em que se comemorava esse acontecimento era bastante movimentada, as pessoas, em especial as mais jovens, praticamente não dormiam ocupadas que estava em práticas, às vezes ilícitas embora autorizadas pela tradição, a exemplo do roubo de galinhas com a finalidade de se fazer um prato da culinária conhecido nacionalmente como “farofa”. Esse costume colocava em alerta aqueles que tinham, em seus quintais, aves para a alimentação de seus familiares. As comemorações da data, no entanto, não se resumia a essa gostosa travessura, pois, era também noite de se fabricar e fazer circular pelos mais diferentes ambientes a representação do “Judas”: boneco feito de palhas, cabaças, trapos etc. e que representava o discípulo traidor de Jesus Cristo. Essa figura era colocada em lugares estratégicos sendo, muitas vezes, roubada e recolocado em lugares diferentes. Esse movimento em torno do lugar onde fora deixado o Judas se justificava pelo fato do morador da residência onde o mesmo fora colocado ser obrigado a dar uma festa comemorativa. Sobre o fato Izaura Melhorim (neta de imigrante) Assim dizia: “Uma vez o pai notou movimento na porta durante a noite e percebeu que era o Judas que fora deixado em nossa casa. Ele pegou o boneco, que tinha quase o seu tamanho, e saiu no meio da noite indo procurar outro lugar para deixar o tal”.

Assim não era incomum senhores, pais de família, tidos pela comunidade como pessoas sérias serem vistas, furtivamente, correndo pela madrugada carregando o boneco nas costas indo deixa-lo em outra casa tentando passar a outrem a incumbência de fornecer o baile.

Este ambiente parece ter, definitivamente, conquistado Julho Eloy. Para esse velho italiano aqui passara a ser o seu rincão, não queria deixar o pedaço de chão que elegera como seu, decididamente, fincara raízes.

Diferente de alguns outros velhos italianos o nono não demonstrava muitas saudades da Itália, também, nunca se interessou em adquirir terra parecia não querer nada mais do que já tinha. Mas também aqui se vivia bem principalmente se comparar com tanta necessidade e fome que ele dizia ter passado na Itália. Tanto ele como meus tios eram muito trabalhadores, não faltava serviço para eles. Viviam sem luxo, mas era uma vida boa Izaira M. da Silva (neta do velho Eloy).

O velho Eloy embora tivesse passado pelas mesmas agruras dos outros imigrantes encarava a vida de forma diferente, em alguns pontos, um deles era não se preocupar em adquirir propriedade. Isso talvez se deva ao fato de estar satisfeito com o que a vida lhe propiciara na nova terra. O que se percebia nele era um amor ao trabalho e à vida simples, uma falta de ambição que faz pensar que o homem não precisa mais do que, saúde, trabalho e o que natureza lhe dá para se sentir feliz. O assim pensar apenas mostra sua diferença de experiência e mentalidade em relação a grande maioria dos imigrantes. É como diz Corrêa (2007) para a compreensão do ser torna-se necessário apreende-lo não apenas no que se refere à sua organização, constituição e estrutura, mas também em relação aos significados que dele faz.

Conclusão

A cidade de Nova Veneza tem sua gênese no processo de expansão do modo capitalista de produção. Foi fundada através de um movimento migratório que tivera início na região do Vêneto (Itália) no final do século XIX. Esses italianos chegaram a São Paulo por volta de 1897 partindo depois para Minas Gerais onde trabalharam nas lavouras de café, vindo por fim, se fixarem na região rural do município de Anápolis onde fundaram a cidade de Nova Veneza.

A Itália, no século XIX enfrentou problemas advindos de um momento político caracterizado pelas lutas de unificação do país e das profundas mudanças provenientes da crescente penetração do capitalismo no campo. A dinâmica dos processos sociais, advindos, principalmente das questões econômicas e políticas contribuíram de forma decisiva para os movimentos de emigração.

Tais movimentos ocorreram no período em que no Brasil estava em curso o processo de abolição da escravatura ao mesmo tempo em que ganhava corpo à expansão da cultura cafeeira exportadora. Em um contexto como este a busca de trabalhador para a lavoura se tornara imprescindível. Foi então que o Brasil, dando continuidade a uma política de imigração que iniciara com as tentativas de colonização oficial no sul do país, intensificou a busca por mão de obra imigrante. Sendo assim, os movimentos de desterritorialização e a reterritorialização são produtos das necessidades das classes hegemônicas dos Estados italiano e brasileiro no movimento de expansão do capitalismo a nível internacional.

No Brasil, Passando por regimes de trabalhos variados incluindo tentativas fracassadas de implantação do regime de meação, mais tarde colonato evoluindo para o trabalho livre esses migrantes muito contribuíram para a dinamização do mercado interno e externo.

Conjugando fatores de expulsão e atração, onde os países envolvidos obedeciam a normas ditadas pelos seus próprios interesses, esses italianos deixaram à pátria mãe, vindo para o Brasil onde, em um processo combinando, de migração externa e interna chegam para assumir funções precípuas de defender, colonizar, colocar a terra para produzir, além de que, fundaram povoados e cidades enriquecendo, de forma admirável, nossa cultura.

Neste trabalho buscamos resgatar, pelo viés cultural, elementos subjetivos onde as recordações e emoções foram veículos que nos possibilitaram encontrar verdades onde as mesmas não aparecem de forma explícita. Percebemos a possibilidade que os homens possuem de fazer de um espaço indiferenciado o seu referencial de vida, o seu lugar no mundo, pois eles criam modos de viver e sentimentos coerentes com a forma de elaborar sua existência.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Maria Geralda de. *Em Busca da Poética do sertão: um estudo de representações*. In.. ALMEIDA, Maria Geralda & RATTI, Alessandro (orgs). *Geografia: leituras culturais*. Goiânia: Alternativa, 2003.

_____. *Fronteiras, Territórios e Territorialidades*. Revista da ANPEGE, ano1, n.1, Curitiba- PR, 2003.

BERTAZZO, Giuseppe. *De Veneza a Nova Veneza Imigração Italiana em Goiás, 1912*. Goiânia: UFG, 1992.(Dissertação de Mestrado)

BONNEMAISON, Joel & ORSTOM, Vanuatu. Viagem em Torno do Território. In: Roberto lobato Corrêa, Zeny Rosendahl. : *Geografia cultura um século (3)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

CARLOS, A.F.A, *O Lugar no/ do Mundo*. São Paulo: Hucitec, 1996.

CLAVAL, Paul. *As Abordagens da Geografia Cultural*. In: Explorações Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil,1997.

_____, *El Enfoque Cultural Y Las Concepciones Geográficas Del Espacio*. In: Geografía Cultural. Boletín de La Asociación de Geógrafos Españoles n. 34- 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Sobre a Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: NEPEC, n.3, 2007.

CORRÊA, R.L.; ROSENDAL. Z.; *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertran do Brasil, 2003.

COSTA, Carmem Lúcia. *A construção do Lugar a Partir do Espaço Programado: o caso da vila Teotônio Vilela em Catalão-GO*. Goiânia: UFG, 1998. (diss. Mestrado).

COSTA, Rogério Haesbaert da. *O Mito da Desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CRUS, Beatriz Nates. *Território y cultura Del Campo a la ciudad: últimas tendencias en teoría y método: Quito, Abya-yala*. 1999.

GEORGE, Pierre. *Geografia da População*. São Paulo: Difel, 1986.

GONÇALVES, Ises Maria. *Historico de Nova Veneza*. Trabalho datilografado; 1992.

MASSEY, D. *Um Sentido Global do Lugar*. In: Arantes, A, (org.) *O Espaço da Diferença*. São Paulo: Papirus, 2000.

MATTERLAT, A *Diversidad Cultural Mundializacion*: Barcelona: Ed.Paidos Ibéricas, S.A, 2006.

PELUSO, Marília Luíza. *As Espacialidades do morar: conforto, intimidade e privacidades entre os pobres de Brasília / Distrito Federal*. In: *Boletim Goiano de Geografia*, V. 22-N.1- jan/ jun., UFG, Goiânia: 2002.

PEFEITURA MUNICIPAL DE NOVA VENEZA. *Secretaria da Educação*. 1992.

SAINTE-ILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de Guias*. São Paulo: ed. Da Universidade de São Paulo. 1995.

SAQUET, Marcos Aurélio. *Abordagens e Concepções de Território*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____, *Os Tempos e os Territórios da Colonização Italiana: o desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins (RS)*. Porto Alegre: edições EST, 2003.

SZTURM, Elyezer. *Por uma Poética Visual do Sertão*. In: *Ciências Humanas em Revista*, V.6 N.2-. jul./dez. UFG Goiânia: 1995.

SANTOS, Rosselvelt José. *A Dimensão Cultural das Paisagens Rurais do Cerrado Mineiro*. In. Almeida, M. G. RATTS, A, J. Geografia Leituras Culturais. (Goiânia, Alternativa, 2003).

TUAN, YI-fU. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

Recebido para publicação em junho de 2008
Aprovado para publicação em outubro de 2008